

# ABORDAGENS TEÓRICAS E PRÁTICAS EM PESQUISA

COORDENADORES

Patricia Bieging

Raul Inácio Busarello

ISBN 978-85-7221-509-1

2025

*Maurício Silva*

**LIVRO, LEITURA  
E TECNOLOGIA NA  
CONTEMPORANEIDADE:  
O EXEMPLO DA LITERATURA**

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-509-1.9

### **RESUMO:**

Partindo do pressuposto de que o conceito de literatura varia historicamente (Barthes) ou de que depende de certas condições objetivas (Derrida), podemos afirmar que ela está sujeita às injunções da contemporaneidade, sobretudo a um fenômeno que já se tornou bastante comum: o avanço e o predomínio da tecnologia no mundo atual. Este artigo discute, justamente, algumas das diversas possibilidades de interação entre a literatura (bem como a Teoria da Literatura) e a tecnologia na contemporaneidade, tomando como exemplo a produção literária brasileira contemporânea.

**Palavras-chave:** Livro; leitura; literatura; tecnologia; contemporâneo.

## INTRODUÇÃO

A relação triangular livro-leitura-tecnologia é, em dúvida alguma, uma relação complexa, constituindo-se, assim, numa equação que demanda não apenas uma abordagem ampla, mas também uma perspectiva multidisciplinar. A rigor, o que se pretende, idealmente, é alcançar uma convivência, na medida do possível, pacífica entre as partes envolvidas nessa associação – o consenso, contudo, que projetaria a estabilização das tensões entre suas múltiplas variáveis (interesses de mercado, valores éticos, profissionalização e regulação dos entes envolvidos etc.) mostra-se ainda muito longe de ser alcançado, em razão tanto da diversidade de interesses quanto da resistência (com ou sem justificativa plausível) de um ou mais elementos implicados.

Tudo pode, evidentemente, se complicar ainda mais se levarmos em consideração alguns dos *eventos* que fazem da contemporaneidade um espaço-tempo particularmente sensível à injunção de fenômenos direta ou indiretamente vinculados à tecnologia.

O objetivo deste artigo é, justamente, discutir essa intrincada relação, situando-a, criticamente, nas divisas do contemporâneo e enfatizando o lugar ocupado pela literatura nessa intersecção. Para tanto, há que se considerar duas orientações: primeira, partimos do pressuposto de que o conceito de literatura varia historicamente (Barthes), dependendo de certas condições objetivas (Derrida), entre as quais encontra-se, justamente, o avanço e o predomínio da tecnologia no mundo atual; segunda, tomaremos, para efeito de exemplificação dos fenômenos aqui apresentados, a produção literária brasileira contemporânea.

## O MUNDO DAS URGÊNCIAS DIGITAIS

O mundo contemporâneo pode ser caracterizado como o mundo das urgências digitais, o que se percebe, preliminarmente, com o vertiginoso desenvolvimento da tecnologia, avanço que, por si só, já revela o império da instantaneidade, mas cuja maior consequência talvez seja, justamente, o caráter de urgência que ela cria em torno de si, seja como a dinamização dos efeitos e dos afetos, seja como o constrangedor sentido de obsolescência e efemeridade do mundo dos objetos (BAUDRILLARD, 1968).

Paul Virilio já assinalou, em mais de uma oportunidade, o quanto nosso mundo vincula-se ao intrincado conceito de *velocidade* (VIRILIO, 1977), afetando até mesmo nossa *logística da percepção*, que passa a ser caracterizada fundamentalmente por uma aceleração que “abole nosso conhecimento das distâncias e das dimensões” (VIRILIO, 1994, p. 19). Trata-se, de acordo com sua teoria, de uma realidade que resulta diretamente da heterogeneidade do regime de uma “temporalité des technologies avancées” (VIRILIO, 1984, p. 15).

Transformações que impactam até mesmo a ontologia – num sentido mais abstrato – e a corporeidade – num sentido mais concreto – dos seres humanos: é o fenômeno do que se convencionou chamar de *pós-humano*. Segundo Lucia Santaella (2015, p. 21), trata-se das “mudanças impostas pelas tecnologias sobre o corpo”, ideia reforçada por Monica Aiub (2015, p. 80), ao lembrar que “a incorporação das tecnologias em nosso cotidiano não apenas modifica nossas formas de organização social, como transforma nossos corpos, nossas formas de pensar, de sentir, de viver”.

Esta é uma realidade que tem um alcance inimaginável, e não precisamos de muita teoria para constatar o quanto o mundo da Cibernética, da virtualidade, dos computadores e da *internet*

interfere em nosso cotidiano, das situações mais simples às mais complexas, dos sentidos mais comuns e evidentes às representações mais subjetivas. Evidentemente, semelhante conjuntura não prescinde de uma crítica acurada e profunda por parte dos que procuram relevar a dependência do mundo midiático, prognosticando uma realidade *outra*, nascida de uma espaço-tempo pós-internet (LOVINK, 2023).

Entre pessimistas e otimistas, entre detratores e adeptos desse mundo cibernético, há espaço para um esforço real de inclusão do conhecimento, que, ora avançando, ora retrocedendo, dialoga com epistemologias supostamente "ultrapassadas", mas em resoluta vigência. É o caso da possibilidade de um conhecimento científico abrangente e acessível a todos, o que se dá por meio da chamada Ciência Aberta, intrinsecamente vinculada às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), que dão suporte a processos de divulgação científica, mas também – quando associadas à educação – a metodologias de ensino (SCHUARTZ e SARMENTO, 2020). Aliás, em se tratando de educação, há que se destacar a importância, cada vez maior, nos dias de hoje, da chamada *educação midiática*, como um direito fundamental a todos os cidadãos e a todo sistema educacional (BUCKINGHAM, 2002).

Caberia perguntar, a estas alturas, o que o livro e a leitura têm a ver com todo esse domínio da tecnologia midiática. Ora, não nos parece exagero afirmar que, atualmente, tem se intensificado, cada vez mais, processos que procuram, voluntária ou compulsivamente, conciliar o universo do livro/leitura com o da Cibernética, seja quando se pensa nas publicações colaborativas e na consequente questão dos direitos autorais (BRANCO, 2014), seja quando se pensa na criação de *narrativas* pela Inteligência Artificial, fato que, segundo Teixeira Coelho (2019), poderá eliminar a curto prazo boa parte dos empregos na indústria editorial (editoras, livrarias, empresas jornalísticas e de comunicação etc.).

Talvez a questão se complique ainda mais, quando pensamos, de modo mais pontual, nas correlações possíveis entre a tecnologia e um aspecto mais preciso do universo do livro/leitura: a literatura.

## LITERATURA E TECNOLOGIA: UM ENCONTRO (IM)PROVÁVEL

Em livro citado anteriormente, Teixeira Coelho (2019, p. 33), analisando o avanço da cultura digital na contemporaneidade, lamentava “a codificação acelerada das formas linguísticas, cada vez mais padronizadas mesmo em relação às formas literárias”.

Com efeito, literatura e tecnologia quase sempre foram consideradas dois conceitos – e, mais do que isso, duas realidades – imiscíveis, e, não raras vezes, a primeira foi tomada como uma manifestação própria do domínio da sensibilidade, enquanto que a segunda, do universo da razão. Nada mais maniqueísta do que essa divisão, já que, sobretudo na atualidade, assiste-se a um amálgama de campos e esferas aparentemente contrários, mas que, muitas vezes, se complementam de modo patente ou latente, como é o caso da arte e da ciência. Bruno Latour (2013), aliás, já chamou a atenção para o fato de nossa *vida intelectual* carecer de um maior entrosamento entre os universos “social” e “científico”, uma vez que se tem assistido, não poucas vezes, a uma aversão mútua, em que Ciências Humanas e Ciências Exatas surgem como universos distintos e apartados. Contudo, é exatamente da tensão entre esses dois universos que se podem depreender ações voltadas para a valorização de determinados contextos que, de certo modo, coloca-se, num primeiro momento, à margem tanto do âmbito das artes quanto do da tecnologia, mas que, no decorrer do processo de interação entre esses dois domínios, descobrem-se particularmente favorecidos por essa confluência.

Considerando a literatura – como explica Barthes (1980, p. 8) – “un concept extrêmement flou, extrêmement large, et qui, de plus, a beaucoup varié historiquement”, pode-se dizer que se trata de um fenômeno que se vincula não exatamente a uma *literariedade*, a uma imanência literária essencial, mas depende de condições objetivas, as quais Derrida (2014, p. 64) expõe nos seguintes termos:

É possível fazer uma leitura não transcendente de qualquer tipo de texto. Além disso, não há nenhum texto que seja literário *em si*. A literariedade não é uma essência natural, uma propriedade intrínseca do texto. É o correlato de uma relação intencional com o texto, relação esta que integra a consciência mais ou menos implícita de regras convencionais ou institucionais – sociais, em todo caso. (...) Sem suspender a leitura transcendente, mas mudando de atitude com relação ao texto, é sempre possível reinscrever num espaço literário qualquer enunciado – um artigo de jornal, um teorema científico, um fragmento de conversa. Há, portanto, um *funcionamento* e uma *intencionalidade* literários (natural ou a-histórica). A essência da literatura, se nos ativermos à palavra essência, é produzida como um conjunto de regras objetivas, numa história original dos ‘atos’ de inscrição e leitura.

Dizer que o conceito de literatura varia historicamente ou que depende de certas condições objetivas significa também afirmar que ela está sujeita às injunções da contemporaneidade, sobretudo a este fenômeno que tem se tornado verdadeira substância da contemporaneidade: o avanço e o predomínio da tecnologia.

No complexo universo da expressão literária, pode-se dizer que língua e literatura estimulam uma à outra, sendo aquela um instrumento básico por meio do qual a literatura se expressa e esta, uma expressão que concorre, involuntariamente ou não, para o desenvolvimento linguístico. É na confluência entre esses dois campos de expressão, língua e literatura, que podemos avaliar – numa primeira abordagem da questão –, alguns exemplos de como a tecnologia atua no âmbito da manifestação literária e seu estudo.

Das atuais pesquisas que se têm realizado no âmbito da língua – e que, necessariamente, acabam interferindo no universo literário e/ou dos estudos literários propriamente ditos –, pode-se dizer que se destacam os estudos dos chamados *universais linguísticos*, inspirados em grande parte – mas, não, exclusivamente – pela Linguística Gerativa. Com efeito, é possível afirmar que, de maneira geral, a partir de meados do século XX, tem-se tentado estabelecer, nos estudos da linguagem humana, fatos considerados estruturalmente comuns a todos os idiomas, a que aqui chamamos genericamente de “universais”. Assim, no âmbito da Fonologia, temos, num exemplo mais “clássico”, a presença do processo de transcrição fonética das línguas, que desde muito tempo tem conhecido relativo êxito na busca de estruturas fonológicas universais (SCHANE, 1975; MALMBERG, s.d.; PAIS, 1981); no âmbito da Morfossintaxe, a gramática gerativo-transformacional, desenvolvida e idealizada por Noam Chomsky, tem sido de suma importância para o reconhecimento dos universais sintáticos da língua (CHOMSKY, 1971; CHOMSKY, 1980; BORBA, 1977; NIQUE, 1977); finalmente, no âmbito da Semântica, as pesquisas têm conhecido franco desenvolvimento – sobretudo quando aliadas à Psicologia, em que a noção junguiana de inconsciente coletivo desempenha, sem dúvida, um papel fundamental –, embora, neste campo, não se tenha alcançado resultado satisfatório e estável (GREIMAS, 1976; ULLMANN, 1973; GUIRAUD, 1975). Foi principalmente a partir dos estudos realizados por Chomsky e sua gramática gerativo-transformacional que se anteviu a possibilidade de manipular a língua com o auxílio da informática, produzindo métodos diversos de abordagem linguística.

No que concerne aos estudos literários propriamente ditos, observou-se também, a certa altura, uma tentativa de estabelecer estruturas profundas (a noção é chomskiana) que pudessem revelar o que, por falta de um termo mais preciso, poder-se-ia chamar de *universais narracionais* da literatura. Atuando principalmente sobre narrativas literárias, tais estudos partem do pressuposto de que

toda narrativa possui uma determinada estrutura interna comum, ideia que, com menor ênfase, posto que com poucos resultados concretos, já fora proposta anteriormente pelos formalistas e pelos estruturalistas: ambas as teorias contribuíram, sobremaneira, para o desenvolvimento das tendências acima apontadas, na medida em que, em suas análises, privilegiavam a busca de uma estrutura comum a determinados gêneros literários e categorias culturais, como no caso do mito (PROPP, 1970; MIELIETINSKI, 1987); a busca de elementos imanentes à obra de literatura, agrupados sob o nome comum de *literariedade* (TODOROV, 1965); e, numa mistura das duas ideias anteriores, a busca de uma estrutura abstrata inerente a todas as narrativas (TODOROV, 1973; TODOROV, 1979; BARTHES, 1970).

Como instrumento de apoio ao trabalho crítico – não cumpre discutir, agora, o papel positivo ou negativo da tecnologia na pesquisa literária –, o computador, dotado de uma suposta objetividade e de uma presumível capacidade de se furtar às influências de natureza emotiva, pessoal, ética e/ou moral sobre a análise do texto, elege a obra literária como objeto de observação, buscando nela elementos que possam ser considerados unívocos. Tudo isso nos leva a concluir que, da mesma maneira que nos estudos linguísticos, uma vertente da análise literária também caminha – ou caminhou durante certo tempo – para o levantamento e inventário dos *universais narracionais* do texto, como, aliás, se pode perceber em alguns significativos estudos direcionados para esse fenômeno, com o emprego massivo da tecnologia (IDE & VÉRONIS, 1990; MEUTSCH & ZWAAN, 1990).

Diante de fatos como esses – além de muitos outros que, contemporaneamente, buscam conciliar, nem sempre de modo “pacífico” arte e tecnologia –, cumpre perguntar: como harmonizar a natureza eminentemente subjetiva, política e social da literatura à perspectiva racionalista da análise computacional do texto literário? E como se dá, saindo agora do âmbito da análise, a utilização da tecnologia na própria produção literária, que não prescinde, de modo absoluto e irrevogável, de conceitos tão fluidos e relativos como os de

criatividade e originalidade? Podemos traduzir essas nossas dúvidas, talvez demasiadamente abrangente para os propósitos desse artigo, numa questão mais direta, mas que pontua com mais precisão o que queremos aqui demandar: considerando as transformações da sociedade, em razão do imponderável avanço tecnológico, verificadas principalmente a partir do século XX, é possível a sobrevivência da literatura, num mundo tão permeável ao influxo da lógica midiática e da Inteligência Artificial?

Uma tentativa de responder essa questão requer, pelo menos, o reconhecimento de que, ao lado de uma posição francamente favorável à convivência entre a literatura e a tecnologia, há aqueles que se posicionam contrariamente a essa interação, assinalando o que consideram certa incompatibilidade entre o progresso tecnológico e a produção literária, apoiando-se ora no diagnóstico da crise da esfera da autenticidade artística (BENJAMIN, 1986), ora na falência da linguagem diante das diversas manifestações do progresso (STEINER, 1988), ora ainda em ideias que veem, nas manifestações tecnológicas, o motivo de um descompasso entre a tradição e a inovação, como se entrevê neste comentário de Ungaretti (1998, p. 218), especialmente acerca da poesia:

creio que as transformações da realidade, por obra do progresso dos meios humanos, sejam tão rápidas e, em certo sentido, esses meios tenham aprisionado o homem de tal modo, que lhe é cada vez mais difícil encontrar uma coincidência entre a sua realidade pessoal, a tradição e a mudança das próprias coisas. Por isso, a linguagem da poesia torna-se cada vez mais difícil. Espera-se encontrar um novo caminho que confirme a necessidade de ligar a liberdade da pessoa à tradição e às inovações objetivas, para que possa ser encontrada, finalmente, também a expressão poética contemporânea que, por enquanto, não faz mais do que balbuciar.

O embate entre a liberdade da expressão literária e a inexorabilidade do desenvolvimento tecnológico talvez seja uma das últimas

grandes contendias travadas no campo artístico desde o século passado, cujo desfecho ainda é uma incógnita para as novas gerações. Trata-se de uma controvérsia que alcança, até mesmo, domínios que podemos chamar de *paraliterários*, como é o caso da questão do livro propriamente dito. Com efeito, para Umberto Eco e Jean-Claude Carrière (2010, p. 30), a quase prevalência do computador como suporte de leitura no mundo contemporâneo tem implicações diretas na ordem da leitura, com repercussões na própria razão de ser do livro, já que, para eles, “o século XX é o primeiro século a deixar imagens em movimento de si mesmo, de sua própria história, e sons gravados – mas em suportes ainda mal consolidados.” Além disso, há ressonâncias na questão da memória, na medida em que a tecnologia, na acepção que aqui estamos lhe dando, volta-se também para o armazenamento de dados (ECO, 2010).

Disso tudo resulta numa espécie de mal-estar da literatura diante dos avanços tecnológicos, forjando-se um cenário em que os artistas se colocam favoravelmente ou contrariamente à incidência do mundo digital na seara das manifestações artísticas. O fato consumado, contudo, é que não se pode fugir à realidade presente, em que arte e mídia se encontram e se combinam de modo inevitável, sobretudo se pensarmos – para ficarmos nos limites do espaço-tempo presente – no caso da literatura contemporânea e, em especial, a literatura brasileira.

## LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E MIDIÁTICAS

Embora também no âmbito das manifestações literárias contemporâneas haja teóricos que veem naquilo que consideram uma

intromissão das mídias eletrônicas no domínio da literatura uma verdadeira *tiranía* a ser combatida (LUCAS, 2001), não há como negar que tais relações tendem a ser cada vez mais comuns e corriqueiras, outorgando ao artista, mais do que a oportunidade, o desafio de pensar a interação entre esses dois universos:

a artemídia, como qualquer arte fortemente determinada pela mediação técnica, coloca o artista diante do desafio permanente de, ao mesmo tempo em que se abre às formas de produzir do presente, contrapor-se também ao determinismo tecnológico, recusar o projeto industrial já embutido nas máquinas e aparelhos, evitando assim que sua obra resulte simplesmente num endosso dos objetivos de produtividade da sociedade tecnológica (MACHADO, 2007, p. 16).

No que compete à literatura contemporânea, tal desafio tem sido assumido as mais diversas formas, partindo da já conhecida e praticada relação entre o discurso literário e linguagens midiáticas variadas (televisão, cinema etc.) até chegar, na atualidade, ao que Flávio Carneiro (2003, p. 61) chama de “nova e significativa interação de literatura e tecnologia provocada pelo surgimento da internet”. Marca recorrente da década de 90, essa intersecção da literatura com as novas tecnologias de comunicação (SCHOLLHAMMER, 2009) não atua somente sobre o suporte de veiculação do texto literário, mas acaba por interferir, como era de se esperar, na própria constituição do gênero discursivo, contribuindo para a composição de “novas” formas de organização interna desses gêneros – é o caso, para darmos apenas um exemplo, do que Ítalo Ogliari (2012, p. 14) chama de *conto pós-moderno*, cuja estrutura é “problematizada” por um discurso (o *discurso pós-moderno*) que, entre outras coisas, decorre “das articulações do saber contemporâneo, vinculado às tecnologias de comunicação globalizante e cultura do final do século XX”. De qualquer maneira, essa é uma vinculação – com desdobramentos na própria constituição do gênero literário – que já existia bem antes, pelo menos, no Brasil, desde a passagem do século XIX

para o XX, como demonstra Flora Süssekind (1987, p. 15), ao estudar justamente as relações entre literatura e técnica nesse período, em especial o confronto entre a crônica, a poesia e a prosa de ficção da época com uma “paisagem tecnoindustrial em formação”.

Não faltam exemplos, portanto, de como a tecnologia pode atuar, na atualidade, diretamente sobre a produção literária contemporânea. É o caso, a título de ilustração, de duas expressões literárias distintas, mas tributárias do avanço tecnológico contemporâneo, o que faz delas eventos paradigmáticos da conjunção que aqui vimos discutindo: a chamada ciberliteratura, que pode se manifestar sob as mais distintas formas (da poesia eletrônica à *fanfiction*); e o rap, manifestação poética que busca aliar literatura e música, por meio de recursos eletrônicos relativamente mais “simples” do que o computador, embora não o dispense por completo.

No primeiro caso, se entendermos a ciberliteratura como sendo, grosso modo, aquela literatura gerada por computador, isto é, aquela que “permite satisfazer a produção de textos complexos que exigem um espaço da tridimensionalidade e a possibilidade da interatividade”, possibilitando, além disso, “manipular a linguagem verbal e usar inserida nela signos visuais e sonoros” (SILVA, 2011, p. 4), não é difícil perceber as infinitas possibilidades de contato entre os dois universos aqui investigados. Como dissemos, há diversos subtipos de ciberliteratura, como é o caso da chamada *fanfiction*: segundo André Neves (2014), nossa contemporaneidade estaria marcada, entre outras coisas, pelo predomínio da *cibercultura* ou *cultura digital*, espécie de cultura nômade, relacionada a uma constante fluidez e vinculando-se a um novo sentido de mobilidade e a uma nova concepção de espaço (o *espaço virtual*); é, portanto, nesse preciso contexto que se circunscreve a *fanfiction* – grosso modo, a “cultura de fãs na internet” (NEVES, 2014, p. 100) – e sua produção correspondente, as *fanfics* (histórias alternativas em prosa escritas por fãs de uma determinada série ou obra); trata-se, finalmente, de um fenômeno que resulta numa “cultura na qual fãs se apropriam de produtos

culturais, do conceito de seus personagens e os reproduzem modificando sua história e criando produtos derivados" (NEVES, 2014, p. 105). O vínculo dessa manifestação literária com a tecnologia se dá pelo fato de que todo esse processo de criação é, majoritariamente, intermediado pelo ambiente virtual, sediado em *websites*, o que lhe confere uma configuração singular. Segundo Maria Lucia Vargas (2015, p. 34), alguns gêneros forjados no âmbito do fenômeno da *fanfiction* são exclusivos do mundo virtual, como é o caso do *songfic*, espécie de "histórias escritas com uma música (...), utilizada como pano de fundo ou mote para o enredo" e que "podem ser escritas em forma de poema ou não, mas a letra original da música é incorporada a uma história envolvendo os personagens e a trama da *fanfiction*".

No segundo caso, temos o fenômeno do rap, não poucas vezes definido como uma manifestação cultural "de rua" que, segundo Teperman (2015), adquire uma nova conformação a partir dos anos 2000, quando recebe um considerável aporte da tecnologia. Manifestação cultural plural, de extração popular, o rap situa-se entre a música e a literatura, assumindo um estatuto de expressão com forte teor político, que se exprime como uma espécie de *contranarrativa* (SALLES, 2007).

Geralmente vinculando-se à cultura periférica das grandes cidades (ABRAMOVAY, 1999; KEHL, 1999) e apresentando determinado alinhamento político (CAMARGOS, 2015; CAMPOS, 2020), o rap é mais um exemplo que como a tecnologia pode influir, direta ou indiretamente, não apenas na estruturação de um gênero literário, mas também em suas estratégias de veiculação e divulgação

Esses são apenas dois exemplos de como literatura e tecnologia pode interagir, seja no campo da teoria e análise da literatura, seja no campo da própria criação literária, com resultados que, embora controversos, não deixam de ser instigantes e – por que não dizê-lo? – bastante positivos, em termos de constituição dos produtos finais dessa correlação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como sugerimos em nosso título, as relações entre literatura e tecnologia são, de certo modo, bastante delicadas, já que envolvem uma série de considerações, que vão da própria definição de literatura até as complexas interfaces entre arte e ciência, passando ainda por uma discussão em torno das tecnologias da comunicação e do estatuto do fazer literário na contemporaneidade, frente à hegemonia dos suportes midiáticos no mundo atual.

Essa não é, *Il va sans dire*, uma questão simples: a despeito de estarmos diante de uma situação consolidada (o que não quer dizer estabilizada!), a saber, o intercurso entre literatura e tecnologia, assiste-se a uma resistência relativamente aguda, não exatamente à plausibilidade dessa relação, mas à maneira como ela se efetiva e aos seus resultados mediatos e imediatos, sobretudo se pensarmos na “promiscuidade” sugerida pelo vínculo entre os meios de comunicação de massa e o projeto neoliberal favorecido pela globalização, o que, segundo Canclini (2012), nos impele fatalmente a uma *sociedade sem relato*.

Mas há, também, situações auspiciosas, favorecida pelo uso da tecnologia na criação literária, além daquelas já citadas aqui. É o exemplo da relativamente pouco estudada e divulgada produção literária infantil, criada e veiculada no ambiente virtual da internet, por meio de sites, *e-books* e outros suportes. Como explicam Lajolo e Zilbermann (2017), a produção literária infantil contemporânea prescinde, de certo modo, do livro, sendo veiculada por outros suportes, sobretudo os digitais, em especial com o advento da hipermídia.

Se se pode dizer que a conexão entre literatura e tecnologia é um fato inevitável, não se deve, contudo, renunciar à sua apreciação crítica, desvelando o que ela tem de mais perverso, justamente para projetar o que ela pode sugerir de mais promissor...

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian *et al.* **Gangues, galeras, chegados e rappers:** juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

AIUB, Monica. Pós-humano: um passo no processo evolutivo? *In:* AIUB, Monica; GONZALEZ, Maria Eunice Quilici; BROENS, Mariana Cláudia (orgs.). **Filosofia da mente, ciência cognitiva e o pós-humano:** para onde vamos? São Paulo: FiloCzar, 2015, p. 79-89.

BORBA, Francisco da Silva. **Fundamentos da gramática gerativa.** Petrópolis: Vozes, 1977.

BARTHES, Roland; NADEAU, Maurice. **Sur la littérature.** Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1980.

BARTHES, Roland *et al.* **Estructuralismo y literatura.** Buenos Aires: Nueva Visión, 1970.

BAUDRILLARD, Jean. **Le système des objets.** Paris: Gallimard, 1968.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** Ensaios sobre literatura e história da cultura. Brasiliense: São Paulo, 1986.

BRANCO, Sérgio. Liberdade de expressão e direito autoral como fundamentos da cultura. *In:* COSTA, Eliane; AGUSTINI, Gabriela (orgs.). **De baixo para cima.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2014, p. 79-103.

BUCKINGHAM, David. **Manifesto pela educação midiática.** São Paulo: Edições Sesc, 2002.

CAMARGOS, Roberto. **Rap e política. Percepções da vida social brasileira.** São Paulo, Boitempo, 2015.

CAMPOS, Felipe Oliveira. **Rap, cultura e política.** Batalha da Matrix e a estética da superação empreendedora. São Paulo: Hucitec, 2020.

CANCLINI, Nestor García. **A sociedade sem relato.** Antropologia e estética da iminência. São Paulo: Edusp, 2012.

CARNEIRO, Flávio. Mapeando a diferença: ficção brasileira hoje. *In:* ROCHA, Fátima Cristina Dias (org.). **Literatura brasileira em foco.** Rio de Janeiro: UERJ, 2003, p. 60-68.

CHOMSKY, Noam. **Aspects de la théorie syntaxique.** Paris: Seuil, 1971.

CHOMSKY, Noam. **Reflexões sobre a linguagem.** São Paulo: Cultrix, 1980.

COELHO, Teixeira. **eCultura, a utopia final**: Inteligência artificial e humanidades. São Paulo: Iluminuras, 2019.

DERRIDA, JACQUES. **Essa estranha instituição chamada literatura**. Uma entrevista com Jacques Derrida. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

ECO, Umberto. **A memória vegetal e outros escritos sobre bibliofilia**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

GREIMAS, Algirdas. J. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1976.

GUIRAUD, Pierre. **A semântica**. Rio de Janeiro: Difel, 1975.

IDE, N. M. & VÉRONIS, J. Artificial intelligence and the study of literary narrative. **Poetics**. Journal of empirical research on literature, the media and the arts, v. 19, n. 1-2, p. 37-63, april 1990.

KEHL, Maria Rita. Radicais, raciais, racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v.13, n. 3, p. 95-106, jul.-set. 1999.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: uma outra nova história. Curitiba: PUCPRESS, 2017.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 2013.

LOVINK, Geert. **Extinção da internet**. São Paulo: Funilaria, 2023.

LUCAS, Fábio. **Literatura e comunicação na era da eletrônica**. São Paulo: Cortez, 2001.

MACHADO, Arlindo. **Arte e mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MALMBERG, Bertil. **A fonética**. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.

MEUTSCH, Dietrich & ZWAAN, Rolf A. On the role of computer models and technology in literary and media studies. **Poetics**. Journal of empirical research on literature, the media and the arts, v. 19, n. 1-2, p. 1-12, april 1990.

MIELIETINSKI, E. M. **A poética do mito**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

NEVES, André de Jesus. **Cibercultura e literatura, identidade e autoria em produções culturais participatórias e na literatura de fã (*fanfiction*)**. São Paulo: Paco, 2014.

NIQUE, Christian. **Iniciação metódica à gramática gerativa**. São Paulo: Cultrix, 1977.

OGLIARI, Ítalo. **A poética do conto pós-moderno e a situação do gênero no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

PAIS, Cidmar Teodoro. **Introdução à fonologia**. São Paulo: Global, 1981.

PROPP, Vladimir. **Morphologie du conte**. Paris, Seuil, 1970.

SALLES, Ecio. **Poesia revoltada**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

SANTAELLA, Lucia. O retorno em espiral do pós-humano. *In*: AIUB, Monica; GONZALEZ, Maria Eunice Quilici; BROENS, Mariana Cláudia (orgs.). **Filosofia da mente, ciência cognitiva e o pós-humano: para onde vamos?** São Paulo: FiloCzar, 2015, p. 21-27.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** São Paulo: Ática, 1989.

SCHANE, Sanford A. **Fonologia gerativa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SCHUARTZ, Antonio Sandro; SARMENTO, Helder Boska de Moraes. Tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) e processo de ensino. **Revista katálysis**, Florianópolis: Universidade Federal de Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 429-438, set.-dez. 2020.

SILVA, Antônio Carlos Braga. A literatura na era digital. **XII Congresso internacional da ABRALIC (Centro, centros – Ética, estética)**, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, p. 1-6, jul. 2011.

STEINER, Georges. **Linguagem e silêncio. Ensaio sobre a crise da palavra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras**. Literatura, *técnica* e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**. As transformações do rap no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

TODOROV, Tzvetan. **Poética**. Lisboa: Teorema, 1973.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

TODOROV, Tzvetan (org.). **Théorie de la littérature**. Textes des formalistes russes. Paris: Seuil, 1965.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**. Uma introdução à ciência do significado. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1973.

UNGARETTI, T. Entrevista a Italo Bettarello e Alfredo Bosi. *In*: BOSI, Alfredo. **Céu, inferno**. Ensaio de crítica literária e ideologia. São Paulo: Ática, 1988, p. 215-221.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno fanfiction [recurso eletrônico]**: novas leituras e escrituras em meio eletrônico. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2015.

VIRILIO, Paul. **Vitesse et politique**. Essai de dromologie. Paris: Galilée, 1977.

VIRILIO, Paul. **L'espace critique**. Paris: Christian Bourgois, 1984.

VIRILIO, Paul. **A máquina de visão**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

**Maurício Silva**

Doutor em Letras Clássicas e Vernáculas pela *Universidade de São Paulo*; é professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Nove de Julho